

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DOS CURSOS DE PEDAGOGIA E LICENCIATURAS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Eixo Temático: Atenção à Diversidade

Autores: Edicléa Mascarenhas Fernandes¹;

Annie Gomes Redig²;

Gabriela de Oliveira Feijó³;

Ana Cristina Freire da Silva⁴;

Helio Ferreira Orrico⁵;

Resumo: O presente trabalho tem por finalidade discutir a importância da reflexão do processo de inclusão do aluno com necessidades educativas especiais na escola regular, na formação dos alunos dos Cursos de Pedagogia e Licenciaturas, a partir das disciplinas obrigatórias “Educação Inclusiva e Cotidiano Escolar” e “Práticas Pedagógicas em Educação Inclusiva”, oferecidas pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Estas disciplinas se constituem como um espaço de debate para que o aluno possa colocar seus anseios e dúvidas de acordo com suas vivências. É um momento para confecção de adaptações curriculares de pequeno porte, criando ambientes pedagógicos e aulas inclusivas. Esta pesquisa pretende possibilitar aos futuros profissionais de ensino a relevância de sua prática pedagógica para que esses alunos incluídos tenham um processo de ensino-aprendizagem efetivo.

Palavras-chave: Formação de Professores; Educação Inclusiva; Prática Pedagógica.

Introdução

Este trabalho vincula-se ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEI-UERJ) e tem por objetivo apresentar a metodologia desenvolvida nas disciplinas obrigatórias “Educação Inclusiva e Cotidiano Escolar” e “Práticas Pedagógicas em Educação Inclusiva” da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ),

¹ Professora Adjunta do Departamento de Educação Inclusiva e Continuada da Faculdade de Educação / Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEI/UERJ) Rio de Janeiro / RJ, CEP: 20550-900, Brasil - ediclea@globocom

² Professora substituta do Departamento de Educação Inclusiva e Educação Continuada da Faculdade de Educação/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEI/UERJ) Rio de Janeiro / RJ, CEP: 20550-900, Brasil - annieredig@yahoo.com.br

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEI/UERJ) Rio de Janeiro / RJ, CEP: 20550-900, Brasil - gabievi@hotmail.com

⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEI/UERJ) Rio de Janeiro / RJ, CEP: 20550-900, Brasil - acfreire_uerj@yahoo.com.br

⁵ Pesquisador colaborador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEI/UERJ), bolsista CAPES, Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de São Paulo (UNESP/ Marília) Marília/ SP, CEP: 17525-900, Brasil - horrigo@globocom

refletindo a importância destas na formação dos futuros professores. A primeira disciplina vincula-se ao curso de Pedagogia e a segunda é oferecida aos cursos de Licenciaturas.

Atualmente a proposta da Educação Inclusiva encontra-se amplamente debatida no cenário da Educação Brasileira, sendo uma opção política do Ministério de Educação e Cultura através da Secretaria Nacional de Educação Especial. Na perspectiva da educação inclusiva, a escolar deve-se adaptar a todos os educandos desenvolvendo uma pedagogia centrada no aluno.

Em nosso estudo enfocaremos a perspectiva do aluno com deficiência e a necessidade da formação de professores para que os mesmos participem de todas as atividades propostas pela escola, ou seja, alcance todos os objetivos que a instituição propõe – aprendizagem, socialização, construção de valores, formação de cidadãos críticos, sensíveis, sem preconceito. É importante que as escolas estejam preparadas e/ou dispostas a se prepararem para recepção destes educandos.

1. Metodologia

Esta pesquisa é desenvolvida dentro do enfoque participante, ocorrendo nas salas de aula das disciplinas oferecidas pela Faculdade de Educação, visando à reflexão do processo de inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares pelo grupo de alunos graduandos do Curso de Pedagogia e das Licenciaturas. Segundo Perondi, Tronca e Tronca (2004) é fundamental que o professor conheça a diversidade existente em sua sala de aula para estimular as potencialidades de cada um.

As aulas são registradas a partir de diário de campo e fotografadas para que fiquem registrados os momentos de interação do grupo. As aulas são apresentadas através de explanação oral, vídeos-debate, palestras de especialistas e representantes de movimento de pessoas com deficiências, oficinas vivenciais, trabalho de campo e planejamento de adaptações curriculares.

Destacamos que as disciplinas vinculadas à temática da inclusão de alunos com deficiências e necessidades especiais transversalizam todo o currículo do Curso de Pedagogia, dialogando com as demais disciplinas, citando com exemplo, aquelas que tratam a questão da inclusão educacional do indígena, da educação infantil e de jovens e adultos.

De acordo com Perondi, Tronca e Tronca (2004, p. 248) “acredita-se que o conhecimento que se tem do mundo não pode ficar presos a estereótipos consagrados pelo tempo, mas sobretudo ultrapassar (essência do ato criativo) preconceito e continuísmos e ainda dar à vida humana maiores possibilidades de autoconhecimento.”

2. A formação dos alunos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

2.1. Curso de Pedagogia da UERJ

A Faculdade de Educação da UERJ disponibiliza disciplinas para formar professores capacitados para atuar nas escolas a partir de uma perspectiva inclusiva. O curso de Pedagogia possui duas disciplinas obrigatórias que discutem esta temática – “Questões Atuais em Educação Especial” e “Educação Inclusiva e Cotidiano Escolar”. A primeira v ao aluno as legislações, modalidades de atendimento da Educação Especial e as deficiências.

A segunda pretende discutir: 1) Os princípios norteadores da Educação Inclusiva no contexto da Educação Básica, proporcionando ao aluno um espaço de reflexão sobre esta política no cotidiano da escola regular, tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental. 2) Analisar a diversidade de aprendizagem sob o aspecto pedagógico. 3) Embasar os estudantes com alternativas de adaptação estrutural e curricular da escola para garantir o acesso e aprendizagem de alunos com necessidades educativas especiais no contexto da escola regular. 4) Discutir questões relativas a pluralidade cultural no contexto escolar. 5) Analisar as necessidades de formação docente para a escola inclusiva. 6) Formar o aluno numa perspectiva crítica através de observação no campo e apresentação de material de diagnóstico do potencial inclusivo de uma unidade escolar.

Na pesquisa de campo os alunos do curso de Pedagogia observaram os focos de inclusão, ou seja, os alunos se viram como gestores de uma escola e como deveriam adaptá-las para receberem este alunado. Perceberam que ainda há barreiras tanto arquitetônicas quanto atitudinais para a inclusão de alunos especiais, mas entenderam que podem ser quebrados estes obstáculos e criaram projetos e soluções para as dificuldades, tendo como uma dos referenciais de análise do decreto 5296/2004⁶

Durante a pesquisa de campo, observaram os desafios da inclusão nas escolas, percebendo-se como gestores como e de que forma deveriam adaptá-las para receberem este alunado. Perceberam que ainda há barreiras tanto arquitetônicas quanto atitudinais para a inclusão de alunos especiais, mas entenderam que podem ser quebrados estes obstáculos a partir de projetos para superação destas dificuldades.

⁶ Este decreto trata do direito à acessibilidade que todas pessoas com deficiências físicas e sensoriais devem ter garantido, no campo locomotor, nos meios de comunicação nas diversas esferas públicas: educação, saúde, esporte, lazer, etc.

A faculdade aspira formar profissionais capacitados para lecionar a alunos com necessidades educativas especiais de forma a garantir seu aprendizado e dar-lhes oportunidade de uma educação de qualidade.

“Esta disciplina mudou a minha visão de inclusão, hoje acredito que um aluno deficiente possa estar em uma sala de aula regular.” (aluno do curso de Pedagogia)

2.2. Cursos de Licenciatura da UERJ

A disciplina “Práticas Pedagógicas em Educação Inclusiva” foi criada em 2006⁷ e possui como objetivo: 1) discutir os princípios norteadores da Educação Inclusiva no contexto da Educação Básica, proporcionando ao aluno um espaço de reflexão sobre esta política no cotidiano da escola regular. 2) Apresentar as áreas de necessidades educativas especiais caracterizadas no Plano Nacional de Educação Lei 10172/2001. 3) Identificar as modalidades de atendimento da Educação Especial no Sistema Regular de Ensino. 4) Contextualizar os processos de aprendizagem em ambientes escolares inclusivos. 5) Embasar os estudantes das licenciaturas com alternativas de adaptação curricular para garantir o acesso e aprendizagem de alunos com necessidades educativas especiais.

“Acho que se eu entrar em uma sala com um aluno deficiente, eu sento e choro.”
(aluna do curso de Química)

“Inicialmente, achei a matéria quase que inútil, entretanto, com o passar das aulas, percebi e entendi que esta matéria é muito importante para conscientizar os futuros professores dos problemas que envolve a educação inclusiva, para que não se assustem caso se deparem com uma pessoa com uma deficiência” (aluno do Curso de História)

Assim a disciplina é concebida a partir do pressuposto de educação inclusiva como um espaço de igualdade, liberdade, democracia, participação e autonomia. O campo é propício considerando que esta disciplina possui uma característica singular pelo fato das turmas terem um caráter heterogêneo com alunos de diversas licenciaturas: Química, Matemática, História, Sociologia, Letras. Esta diversidade propicia ao docente da disciplina trabalhar desde o início o próprio processo de respeito à diferença e valorização da identidade do outro, processo este que o futuro professor também vivenciará nas escolas.

⁷ Apesar de existir legislação (portaria 1793/1994) que recomenda esta disciplina nas licenciaturas, a Faculdade de Educação através do Colegiado das Licenciaturas conseguiu sua inclusão em 2005 como obrigatória na maior parte dos cursos e eletiva para alguns. Há diversos cursos de Licenciatura no Brasil e pouquíssimos oferecem esta disciplina.

Os alunos através de aulas participativas compreendem a importância da implementação de adaptações curriculares no processo de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais.⁸

As adaptações construídas pelos alunos são catalogadas e armazenadas no banco de adaptações curriculares no NEI, onde ficam à disposição de alunos e professores. Este banco de adaptações está inserido no projeto de extensão “Inclusão e Diversidade Humana: Vivenciando Linguagens”⁹.

Uma das oficinas realizada na disciplina “Práticas Pedagógicas em Educação Inclusiva” propiciou aos alunos vivenciarem uma limitação sensorial. Foram propostas atividades em que os alunos com os olhos vendados, mãos amarradas enfrentassem as barreiras arquitetônicas da faculdade, além de obstáculos colocados na sala de aula, reproduzindo situações do cotidiano de pessoas com deficiência. Com estas atividades, os alunos experimentaram algumas das dificuldades que estas pessoas vencem no seu cotidiano.

“Senti no início, insegurança, fiquei com medo de andar vendada” (aluna do curso de Química)

“Consegui perceber os diferentes lugares que andamos, por causa da mudança do vento.” (aluno do curso de História)

Em outra oficina os alunos aprenderam como utilizar o computador (digitador de texto, acesso a web e comunicação virtual) através da utilização de sistemas de leitores de tela que são utilizados por deficientes visuais.

Seguindo a proposta interativa, são convidados profissionais com deficiências para ministrarem palestras. Uma delas foi realizada por uma pedagoga com paralisia cerebral, formada pela UERJ. O tema debatido foi comunicação alternativa como meio de romper as barreiras comunicacionais e atitudinais construídas na nossa sociedade. A aula teve uma dinâmica diferente, onde os alunos colocaram meias nas mãos, para limitar seus movimentos e não podiam falar, reportando as dificuldades que as pessoas com paralisia cerebral possuem. Os alunos criaram diferentes formas de comunicação. No final, foi pedido que eles comentassem sobre as dificuldades que vivenciaram, relatando o que sentiram. As falas

⁸ Adaptações curriculares de grande porte são aquelas de responsabilidade dos gestores da escola, como acessibilidade, mudanças nos objetivos, conteúdos, projeto político pedagógico, avaliação, temporalidade. E adaptações curriculares de pequeno porte, são transformações na metodologia, organização didática, avaliação e temporalidade do processo de aprendizagem do aluno; adaptações de responsabilidade do professor, visto que, possui autonomia da sua aula. (FERNANDES & REDIG, 2005, 2006, FERNANDES; GLAT; ORRICO; REDIG & FEIJÓ, 2005).

⁹ Publicado na revista Interagir: Pensando a Extensão.

basearam nos sentimentos de diferença, frustração, aflição, impossibilidade, angústia, limitação, impotência e agonia. Uma aluna fez referência à dificuldade da fala da palestrante e se mostrou surpresa com a riqueza de seu vocabulário; em todo momento de seu relato, a aluna olhou para a professora, ao invés de falar para a palestrante.

“Gostei do momento em que a palestrante se colocou no lugar da professora para ajudar seu aluno, mesmo com sua dificuldade motora, ela o ajudou.” (relato de uma aluna do curso de Química, em um momento em que o óculos de um aluno, estava caindo e a palestrante foi ajudá-la)

Antes de a palestrante chegar, a professora conversou com os alunos e eles se mostraram incrédulos, porém ao final da aula, eles desconstruíram este pensamento e gostaram bastante da apresentação.

A última palestra realizada, também aconteceu nas turmas de Pedagogia, foi uma aula sobre o projeto de Iniciação à Docência do NEI, “A arte como espaço para promoção de uma escola inclusiva”, que promove a inclusão através da arte. Esta pesquisa teve como objetivo mostrar para os estudantes a importância das adaptações curriculares para alunos cegos, e que estes precisam de objetos que representem o real para perceberem determinados contextos da realidade, construindo assim uma imagem mental do objeto real. De acordo com Perondi, Tronca e Tronca (2004): “Esse ser irá se expressar e organizar em novas possibilidades de vida. Será um sujeito que provocará mudanças, rompendo aparências estabelecidas, construindo conhecimento e intervindo na realidade.” (p.71)

Considerações Finais

Com o novo paradigma da Educação Inclusiva, a universidade precisa preparar seus alunos – futuros professores – para lecionarem de forma a atendê-los. Nossa faculdade com a preocupação de que seus alunos rompessem com os preconceitos, vem desenvolvendo este trabalho a fim de capacitá-los.

Entendemos que é preciso elaborar mecanismos que façam o aluno refletir sobre sua prática pedagógica e futuras situações que possam ocorrer. As aulas são baseadas em experiências e situações trazidas pelos professores e alunos para que possamos possibilitar a mudança atitudinal destes alunos em relação à inclusão. O conteúdo é flexível, pois apesar de ter um planejamento, este vai sendo adaptado às necessidades que a turma coloca.

Através da reflexão dos alunos, vamos construindo novas adaptações, como:

“Queremos adaptar o “Mito da Caverna” de Platão para uma turma regular com um aluno cego incluído. Pensamos em trabalhar em cima do conceito de sombra. Iremos pegar uma boneca para que o aluno possa tocar e faremos o seu contorno em cartolina para que ele perceba que a sombra é limitada. Desta forma discutiríamos o mito.”
(Aluno do Curso de Ciências Sociais)

Assim, a turma pode construir suas adaptações curriculares de pequeno porte, debatendo os conteúdos de seus cursos a partir de enfoque interdisciplinar. Tentamos desconstruir o conceito de “fórmulas” para se trabalhar com alunos deficientes e que precisam estar buscando novos conhecimentos.

Eles esperam uma preparação para ensinar os alunos com deficiência e/ou dificuldades de aprendizagem e problemas de indisciplina, ou melhor, uma formação que lhes permita aplicar esquemas de trabalho pedagógico predefinidos às suas salas de aula, garantindo-lhes a solução dos problemas que presumem encontrar nas escolas ditas inclusivas. Grande parte desses profissionais concebe a formação como sendo mais um curso de extensão, de especialização, com uma terminalidade e um certificado que convalida a capacidade de ser um professor inclusivo. (MANTOAN, 2003, p.79)

É importante quando eles percebem que aulas ricas em experiências visuais, táteis, cinestésicas e lúdicas são bem vindas a todos os educandos. Todos nós aprendemos os conteúdos curriculares a partir de diversas vias perceptivas, e quando mais exploradas melhor será a compreensão do conteúdo.

É importante que eles percebam que cada aluno é diferente que não necessariamente uma adaptação curricular que sirva para um aluno com paralisia cerebral, por exemplo, vai servir para outro aluno com a mesma deficiência, pois cada um tem a sua especificidade. E Também que adaptar o conteúdo é benefício para todos.

É fundamental que o professor desenvolva seu trabalho e suas adaptações de forma a minimizar as dificuldades do aluno com necessidades especiais, visando desenvolver suas capacidades, habilidades e potencialidades. Desta forma, nossos futuros professores serão profissionais sensíveis à diversidade humana existente na nossa sociedade.

“Chegando ao fim do período, tivemos que dar uma aula interdisciplinar, no meu caso, envolvendo história, química e biologia. Por um momento achei que fosse ser bem difícil, quase impossível, pois para nós da química tem coisa que já e muito difícil, pois temos que imaginar e visualizar muitas coisas e dessa forma, como seria então possível fazermos tal aula? Felizmente, parece que este trabalho veio para desmistificar aquilo que muitos, inclusive eu achava, pois acabamos escolhendo dar aula para pessoas com deficiência visual e para que ficasse ainda mais real, pedimos para que todos na sala ficassem de olhos fechados. Fizemos um modelo atômico, usando isopor, purpurina, fita isolante para que as pessoas através do tato pudessem sentir o que explicávamos segundo a teoria de Thompson e posteriormente de Rutherford em relação ao átomo. Nesse mesmo trabalho, as pessoas do meu grupo de biologia, pediram para que todos ficassem em pé e juntos formassem uma coroa de

espinhos, muito presente nas festas juninas e que uma pessoa ficasse no meio, ou seja, quem ficasse formando a tal coroa representaria a membrana plasmática e a pessoa que estivesse no interior seria o núcleo celular e assim explicaram que dentro da célula ocorrem diversas reações químicas que são compostas por átomos e aí houve toda uma explicação. Dessa forma, concluí que não só eu aprendi a lidar com as pessoas com a deficiência, mas também aprendi a encontrar um meio e ver que é totalmente possível incluí-las em uma aula e na própria sociedade, reconhecendo tamanha importância na matéria que no início não passou de mais uma matéria obrigatória de educação e que veio a ser um grande aprendizado para a mim.” (aluna do Curso de Química).

“Pode-se dizer que minha visão de como ser um futuro educador foi profundamente enriquecida pelos métodos de ensino a alunos com deficiência física e mental. Hoje, eu não saberia dizer como eu poderia ensinar a esses alunos com necessidades especiais sem os conhecimentos adquiridos na disciplina.” (aluno do Curso de História)

Referências Bibliográficas

BRASIL, MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. Declaração de Salamanca e Enquadramento de Ações para Alunos com Necessidades Especiais. Disponível no site www.mec.gov.br/seesp. Acessado em julho de 2007.

FERNANDES, E. M.; GLAT, R.; ORRICO, H.; REDIG, A. G.; FEIJÓ, G.. A inclusão de pessoas com necessidades especiais através dos projetos de extensão do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva da UERJ. In: **Revista Interagir: pensando a extensão**. n.º. 7. Rio de Janeiro: UERJ, DEPEXT, 2005.

_____. & REDIG, A. G. Estudo de caso sobre adaptações curriculares em uma classe regular. In: **Anais de resumos do I Congresso Internacional de Linguagem e Comunicação da Pessoa com Deficiência e I Congresso Brasileiro de Comunicação Alternativa – ISAAC Brasil**. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

_____. & REDIG, A. G. Adaptações Curriculares no processo de aprendizagem da Língua Inglesa por uma aluna com síndrome de Down. In: **Anais do XIII ENDIPE – Encontro nacional de didática e prática de ensino**. Recife, PE, 2006.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003 – (Coleção Cotidiano Escolar)

PERONDI, J. D.; TRONCA, D. S.; TRONCA, F. Z. **Processo de alfabetização e desenvolvimento do grafismo infantil**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.